

## **DO VERMELHO DA PAIXÃO AO SANGUE DA MORTE: AS PERSONAGENS FEMININAS DO CONTO O CORPO DE CLARICE LISPECTOR**

Márcia Cristina Xavier  
Mestranda – UFPB

O conto analisado “O Corpo” é uma obra Clariciana cercada por personagens de personalidade forte e formada. As mulheres desta narrativa são tomadas pelo amor e pela ira. Essas perspectivas nos tornaram para um estudo textual no qual será observado os indícios e afirmativas que nos levam a uma olhar sobre o universo feminino e características destas personagens.

## **DO VERMELHO DA PAIXÃO AO SANGUE DA MORTE: AS PERSONAGENS FEMININAS DO CONTO O CORPO DE CLARICE LISPECTOR**

*Artistas sabem de coisas. Quero apenas avisar que não escrevo por dinheiro e sim por impulso. Não me jogar pedras. Pouco importa. Não sou de brincadeiras, sou mulher séria.*

*(Clarice Lispector)*

O conto que iremos analisar: *O Corpo* faz parte dos 13 contos que compõem o livro *A Via – Crucis do Corpo* da escritora Clarice Lispector.

Este livro foi lançado em 1974 pela Editora Artenova. Desde seu lançamento esta obra foi pouco discutida pela crítica. Na época, os críticos, tais como: Emanuel Moraes a colocaram como uma obra menor, um *desvio*, um *lixo*, comparando-a as demais obras de Clarice. Estes adjetivos foram atribuídos à obra pelo fato de a mesma ter sido escrita por encomenda e às pressas. Segundo Nádía Gotlib, crítica literária e biógrafa, o trabalho foi aceito por Clarice devido a problemas financeiros que a escritora atravessava.

Outro fato que intrigou a crítica na época do lançamento do livro foi o texto “Explicação”, editado como prefácio da obra. Texto este feito por Clarice no qual ela explica os motivos que a levaram a produzir o livro. Sobre o prefácio Moraes publicou

em sua coluna no Jornal do Brasil: “melhor seria não ter publicado o livro, a ver-se obrigada a se defender com esse simulacro de desprezo por si mesmo como escritora, diante do reconhecimento do fracasso da realização” (MORAES Apud REGUERA, 2006, p.48).

Vale ressaltar que não só houve críticas negativas sobre a obra em 1974; podemos encontrar também nesta época críticos que puderam observar um outro lado de *A via – Crucis do Corpo*. Um exemplo foi Hélio Pólvora que no texto *A arte de mexer no lixo*, justifica a obra de Clarice como: “nada têm de pornográfico se comparadas às ousadias da permissividade absorvida também pela literatura” (PÓLVORA Apud REGUERA, 2006, p. 49). Neste texto ele salienta que o que houve neste livro foi uma mudança na retórica da escritora, o que não fazia da obra uma coleção de textos pornográficos, mas sim uma obra experimental cuja linguagem é trabalhada de forma direta, agressiva e explícita.

E é assim que também temos esta obra como uma inovação, ou melhor, uma experimentação da linguagem na qual a temática (o erotismo) é a ponte que nos leva ao estudo do estilo e linguagem da obra.

### **O Corpo: O Erotismo Feminino - do vermelho da paixão ao sangue da morte**

O conto *O Corpo* é relatado de forma incisiva e chocante por parte do narrador, porém é através das personagens femininas que observaremos as implicações que o erotismo traz à obra. Segundo Luzilá Ferreira (2004, p. 24), Clarice Lispector apresenta “um estilo inconfundível, onde fatos, objetos, pessoas e palavras parecem ser uma coisa só, elementos denunciadores de um universo mágico que a escrita apenas presente”.

A linguagem utilizada no conto traz à temática do erotismo como instrumento ambíguo de prazer e sofrimento aos personagens. É possível perceber esta afirmativa já no título da obra, pois *A Via Crucis do Corpo* nos remete à Paixão de Cristo, a via sacra no qual cada texto (os 14, contando com “Explicação”) mostra as estações de sofrimento e sacrifício do corpo. Segundo Vieira (2006, p. 56) a alusão da obra com a via sacra é pertinente. Sobre esta questão ele destaca:

A possível relação entre os textos desta e a via sacra, primeiro, sob o viés de uma analogia entre as etapas de sofrimento por que Cristo passa e as “etapas” pelas quais passam as personagens femininas, em busca dos “aspectos de sua identidade”. Identidade que é almejada

pelas mulheres, cuja saga é dramatizada como via sacra, ou como um caminho da cruz/do copo.

Esta alusão à Paixão de Cristo traz como referência o feminino, o papel sócio-cultural da mulher que, na busca pela sua identidade, percorre dramaticamente o “caminho da cruz”. As observações sobre a temática da obra colocam o corpo como foco, abrangendo este olhar para as reflexões sobre o papel da mulher dentro de uma sociedade de cultura judaico-cristã.

Outro fato importante é que a alusão à via sacra traz também à obra uma estruturação cercada de simbolismos que, segundo Nádía Gotlib (Apud REGUERA, 2006, p. 81) são referenciados precisamente e de forma meticulosa:

Em relação aos acontecimentos da seqüência narrativa, ao mesmo tempo em que há um cuidado metucioso no cálculo das doses e na sua combinação, mostrando como exatamente são eles feitos, há também um tom ritualístico, ao anunciar o que irá contar e um ritmo matematicamente preciso, bem medido fluente, certo.

Ou seja, a linguagem naturalista abrirá espaço para uma abordagem no qual o simbolismo é fruto da alusão à cultura cristã e seu relato é cercado de momentos ritualísticos assim como nas passagens bíblicas.

No começo do conto o narrador nos revela a relação dos três personagens e a suas vivências sexuais. Beatriz é descrita através de seu corpo grotesco e Carmem como o seu oposto, a mulher elegante. O modo de vida delas é representado através do exagero da comida e de sexo. O físico e as ações das personagens tendem ao grotesco e por vezes a náusea. “Beatriz, com suas banhas, escolhia biquíni e um sutiã mínimo para os enormes seios que tinha.” (LISPECTOR, 1998, p. 22).

Na arte grotesca, [...] o fantástico, monstruoso, macabro, excêntrico, obsceno invadem nossa realidade cotidiana, as suas leis de repente estão suspensas, a ordem habitual das coisas se desfaz. É daí, ante a alienação surpreendente do nosso mundo, que decorre a reação de horror, espanto, nojo e, por vezes, de riso arrepiado. (ROSENFELD, 1985, p 60).

E é nesse monstruoso, macabro e obsceno que encontraremos o grotesco no conto.

Além da imagem dos corpos em exagero e bizarros, na obra encontraremos também a referência a divindade pagã, Dionísio (Baco). Essa imagem dionisíaca nas cenas aparece na caracterização do personagem Xavier: “Xavier bebeu vinho francês. E comeu sozinho um frango inteiro. As duas comeram o outro frango. Os frangos eram recheados de farofa de passas e ameixas, tudo úmido e bom.” (LISPECTOR, 1998, p.22). A divindade “Baco era representado vestido com um manto vermelho. Tinha por emblema o vinho, cuja cor vermelha e suas propriedades inebriantes exaltam igualmente o sentimento dionisíaco. O vinho vermelho, sob certos aspectos, é a imagem do sangue”. (ROUSSEAU, 1985, p77.). Já o recheio do frango “úmido e bom” nos remete a uma imagem erótica ligada à sexualidade feminina. No conto encontramos não só estes exemplos, mas várias outros (frases e palavras) que nos remetem ao erotismo: “excitou-se”, “sexo”, “foram os três para a cama”, “Cada noite era uma. Às vezes duas vezes por noite”, “prostituta”, “camisolas cheias de sexo”, “homossexuais”, “faziam amor”, “nua”, etc.

Além destes pontos citados há outros elementos recorrentes na narrativa que trazem este caráter erótico, um deles é a cor vermelha representando o sangue, a paixão e Xavier: “era um homem truculento e sanguíneo” (LISPECTOR, 1998, p. 21).

Sendo assim para compreendermos o erotismo nas personagens femininas precisamos passar pela erotização da imagem de Xavier. Desta forma, primeiramente, vamos analisar a figura masculina: “Xavier engordou três quilos e sua força de touro cresceu-se”.

Este personagem é caracterizado como um animal, a imagem do touro reprodutor, da fertilidade. Fertilidade esta confirmada no corpo, ou seja, no corpo que aduba e fertiliza a terra úmida e cheirosa: “Beatriz teve a idéia de plantarem rosas naquela terra fértil”. (LISPECTOR, 1998, p.27). Xavier agia instintivamente e a sexualidade era o que o motivava. A prostituta que surge na história vem para revelar o universo masculino machista do personagem e a enfatizar a imagem que ele faz de Carmem e Beatriz, o da “mulher dona de casa”. Apesar de serem duas personagens elas desempenham e agregam o papel de uma, a da esposa. A identidade social e institucional de esposa se sobressai, negligenciando as identidades individuais das personagens. Elas só passam a ser dois “corpos diferentes” quando mantêm relações sexuais uma com a outra: “E, apesar de não serem homossexuais, se excitavam uma à outra e faziam amor. Amor triste”. (LISPECTOR, 1998, 23). Nesta passagem o narrador

revela que entre Carmem e Beatriz não há a união dos corpos na imagem sexual do encaixe, elas representam aqui o prazer, prazer este incompleto.

Voltando ao universo masculino, o que justifica a traição de Xavier é o fato do mesmo ser um homem viril e machista. Ele não era um homem sensível, mesmo apresentando um gosto *ou* outro refinado, como é o caso do gostar de tangos. Na verdade, ele permanecia como um homem truculento. Seu aspecto masculino viril se dá a partir da sexualidade exacerbada e através da figura da prostituta, a outra.

A relação idealizada por Xavier não era a mesma de Carmem e Beatriz, pois para elas os papéis da mulher e da amante estavam resumidos em suas figuras. A descoberta da traição de Xavier abre possibilidade à *hybris* nas personagens femininas. Segundo Benedito Nunes (1989, 103) as personagens claricianas:

Mesmo quando amam, elas precisam da cólera [...] vê, pois, que esses sentimentos fortes e violentos, que polarizam a vida afetiva em constante metamorfose, estão sujeitos a bruscas transformações. A cólera é o reverso do amor.

Benedito Nunes explica que estes instintos violentos e a transformação do amor em ódio são características constantes nas personagens femininas claricianas. Segundo Lucia Branco (1985, p. 63) esta relação: amor e ódio está relacionado a Eros e Thanatos. Para a crítica:

A força de Thanatos revela-se também na posse amorosa que desemboca, com frequência, nas manifestações violentas dos chamados crimes “por amor”, ou do suicídio. Os amantes, quando se deparam com a impossibilidade da posse real do ser amado, terminam, muitas vezes, por preferir sua morte à sua perda.

Esta consideração traz ao erotismo outro componente de suas bases, a morte, pois “vida e morte estariam, portanto, na origem da existência erótica, e seria através da busca da continuidade versus o caráter descontínuo dos indivíduos que esses dois impulsos se concretizam” (BRANCO, 1985, p. 60). Fato este que justifica a relação de amor e ódio existente nas relações que envolvem intensamente a sexualidade. Sobre isto Williams (2002, p. 150) afirma que:

Entre homens e mulheres há apenas o que se toma um do outro, e a reação a isso é o ódio. Em nenhuma outra parte da literatura moderna

esse ritmo esse fez ouvir de forma mais poderosa. A dança da excitação sexual é, mais uma vez, a dança da morte.

O que ocorre nesta “transformação” é que “Eros tende a unificar o que é disperso e a constituir unidades cada vez maiores, se opondo a Thanatos, que tende a destruir os laços, perseguindo a finalidade da desunião” (LEJARRAGA, 2002, p.143). No conto, percebemos que o amor dos três é destruído e transformado em ódio, principalmente através das personagens femininas Carmem e Beatriz. Neste momento é que Thanatos como sinônimo de ódio e agressividade é conseqüência da pulsão de morte. Morte esta necessária para se estabelecer novamente a “ordem” na vida das personagens.

Como um relato de um sacrifício Carmem e Beatriz planejam a morte de Xavier. Elas discutem a quem oferecer a ação: se a Deus ou ao Diabo. Porém Carmem justifica esta morte a uma ordem divina, pois “Deus é o dono de tudo. Do espaço e do tempo”. (LISPECTOR, 1998, p. 26). Com golpes de faca elas o matam: “O rico sangue de Xavier escorria pela cama, pelo chão, um desperdício”. (LISPECTOR, 1998, p.26). O instrumento mortal utilizado no crime é um símbolo representativo do masculino que nos remete a imagem do falo. O sangue como símbolo da fertilidade é desperdiçado no ato do sacrifício. Esta passagem nos conduz novamente a uma associação à imagem do animal que nas sociedades primitivas era levado para o sacrifício e oferecido aos deuses como sinônimo de fertilidade para o povo. Segundo Lucia Branco (1985, p. 70): “O sentido do sacrifício, nesses casos, consiste na representação e contemplação da morte [...]”.

Continuando a explicação de Branco (1985, p.71) em relação ao erotismo em associação à morte, evidenciamos que: “reside agora na morbidez das caveiras, na putrefação dos cadáveres, na hemorragia dos corpos. Um erotismo evidente apenas para aqueles que, pudores à parte, souberam compreender as raízes comuns do amor, da vida e da morte”. Neste caso, “A morte, por oposição, é uma espécie de realização, capaz de trazer, comparativamente, ordem e paz” (WILLIAMS, 2002, p. 144). Ou seja, a morte de Xavier foi necessária para que a ordem se estabelecesse para Carmem e Beatriz. O relacionamento deles encaminhou os fatos para o trágico; a traição de Xavier foi o que despertou a ira feminina e essa cólera excessiva fez com que Carmem e Beatriz não tivessem piedade em cometer o assassinato; apenas o que sentiam na hora do crime era repulsa por Xavier. Em outras palavras, “não há justiça ou lei externa, mas há dor e

vingança, abandono e ódio: a luta humana, sem artifício ou sutilezas” (WILLIAMS, 2002, p. 148). Para o mesmo autor (2002, p. 159),

A tragédia de pessoas isoladas, que começou nas lutas de um espírito desejoso, acaba como uma luta feroz e animalesca e como uma recaída: no ato sexual em si, onde há uma comunicação na qual o espírito falhou tragicamente; um ato de vida e ou de morte, nos mesmos ritmos, o combate tenso e cruel consumado por fim em recaída. O que nos espera, ao final do sexo e da feroz e ralada luta pela vida, é a morte.

Percebemos ao longo da narrativa que os fatos tendem a caminhar para a morte de um personagem. Verificamos estes indícios logo nos primeiros parágrafos através dos comentários do narrador que ressalta que o tempo passa e ninguém morre como se naquela relação haveria de ter um desfecho e este fosse a morte de um dos personagens. Sendo assim, a atitude de Carmem e Beatriz vem a realizar esta necessidade, o fim da relação luxuriosa dos três.

Depois de matá-lo, Carmem e Beatriz enterram o corpo, no local da cova, Beatriz tem a idéia de plantar rosas: “O pé de rosas vermelhas parecia ter pegado. Boa mão de plantio, boa terra próspera” (LISPECTOR, 1998, 27). Outro fato interessante que este trecho nos traz (além de enfatizar a associação do corpo de Xavier a fertilização) é a relação da cor vermelha (as rosas, o sangue) e seus significados na narrativa. Segundo René Rousseau (1980, p.81) “o vermelho que exprime o egoísmo, o amor infernal e o fogo do inferno é a mesma cor que fala a língua do amor divino, do altruísmo e do sacrifício”. Em vários momentos no conto encontramos as diferentes significações que esta cor implica na cena. Em alguns momentos temos o vermelho do amor, do sangue como vida e também do sangue como morte. Xavier bebe vinhos e os três (Carmem, Beatriz e Xavier) comem também rosbife. Xavier é sanguíneo, as rosas são vermelhas, o caderno de Carmem é encadernado de vermelho e por fim o rico sangue de Xavier. Todas essas passagens enfatizam a relação que a cor tem com a idéia de amor e morte, além de também remeter a um tom de sexualismo. Continuando a explicação de Rousseau (1980, p. 82),

O vermelho exprime simultaneamente o amor a Deus e ao próximo; a coragem e também a crueldade, a cólera, o homicídio e o massacre. O vermelho é a cor sublime quando as forças que ele simboliza estão voltadas para Deus. Para os místicos ela representa a terceira etapa, a terceira esfera ou ainda a terceira clausura da regeneração. Mas ela

também é o fogo mau, o fogo de Vulcano, a expressão do Eu luciferiano e das chamas da luxúria.

A vida luxuriosa vivida pelos personagens, o ódio e a morte serão simbolizadas pelo vermelho. Outra cor que é mencionada na narrativa é a amarela: “Carmem e Beatriz sentaram-se juntos à mesa da sala de jantar, sob a luz amarela nua, estavam exaustas. Matar querer força. Força humana. Força divina”. (LISPECTOR, 1998, p. 26). A cor amarela apresentada no conto tem dois sentidos: um divino e outro infernal. Divino no que se refere à luz, energia que ilumina. O outro significado é o de traição e adultério. Neste momento as personagens parecem banhadas pelo sentimento de benção divina como também pelo ato de violência.

Como podemos observar o erotismo não só se apresenta como sinônimo de vida e morte, mas também pode ser visto na putrefação dos corpos, no cadáver. No trecho do conto: “E viram Xavier. Estava horrível, deformado, já meio roído, de olhos abertos”. (LISPECTOR, 1998, 28), verificamos outra forma de retratação do corpo, desta vez podemos dizer que:

O pavor diante das imagens de putrefação de corpos relaciona-se, segundo Bataille, às insinuações de prazer por essas mesmas imagens produzidas [...] por uma lado nós repudiamos essas imagens e, por outro, nos mantemos presos a elas pela fascinação, pela perturbação soberana que nos causam. (BRANCO, 1985, p. 65)

E é neste momento que temos a transformação nítida de Eros em Thanatos. Na explicação de Lúcia Branco (1985, p.69) sobre o erotismo e as suas relações com a morbidez, aborda que:

A minuciosa descrição do aspecto corrosivo e desagregador da morte, aliada a um erotismo negro, a uma sensualidade às avessas, reforçam a violência e o caráter ruptor do impulso erótico. Eros faz-se expressar, mais uma vez, através dos movimentos de Thanatos.

Em muitos casos, os instintos de violência levam a atitudes extremas, o que inclui a morte, ou seja, o derramamento de sangue, marca esta característica do erotismo. Segundo Branco (ibidem): “Além das imagens da caveira e corpos em decomposição, é comum encontramos detalhadas cenas de sangue na literatura [...], já que o sangue é também índice de violência, desagregação e morte e, portanto, de erotismo”.



Podemos perceber que a relação do erotismo implica em várias outras questões: amor e ódio, além da sexualidade. E o erotismo nas personagens é construído através destas relações citadas (vida e morte) que se originam em relações estabelecidas com o Outro e com o meio.

No conto também notamos que “rompem-se as definições preconcebidas sobre as adequações de gênero, e o que prevalece é a desmontagem de estereótipos e máscaras de ambos os sexos” (ROSENBAUM, 2002, p.35). Assim não só as personagens quebram com esta moldura paralisante,

[...] a escritura também o faz a partir de um obscurecimento do fio narrativo, de uma pedra dos referenciais romanescos familiares e de desmascaramento da dita naturalidade dos papéis sexuais e sociais que na verdade são construídos historicamente e culturalmente. (ROSENBAUM, 2002, p..36)

Ou seja, quando esperava-se a passividade feminina ao ato de traição de Xavier, as personagens Carmem e Beatriz revelam suas personalidades e destroem com a relação de poder criado pelo universo masculino. Em suas atitudes elas ultrapassam os limites que de praxe é determinado ao gênero feminino.

Já no começo da narrativa percebemos que Xavier mesmo inserido em uma sociedade patriarcal e monogâmica ele assume diante de todos seu caso com duas mulheres e este fato não é apresentado como uma falha masculina, mas sim como caracterização de um homem viril e forte. Em outras palavras, na sociedade em que o homem dita e faz as leis suas transgressões servem para firmar seu poder e sua virilidade. Segundo Koss (2004, p. 93): “O patriarcado se estrutura em torno da autoridade masculina e se caracteriza pela ordenação do mundo em opostos hierárquicos, na raiz dos quais sempre encontramos a dualidade sexual básica entre macho e fêmea”. São estas denominações fundadas no patriarcalismo que determinam os papéis sociais dos homens e mulher:

Por sua vez, quando atribuímos aos homens características como agressividade, dominação, lógica, competitividade, razão, afirmamos igualmente que sua função é atuar no mundo público, criando os recursos financeiros, materiais e intelectuais necessários para a manutenção e o desenvolvimento da sociedade. Uma função dominante no sistema patriarcal. (KOSS, 2004, p.178)

Diante destas duas conceitualizações podemos observar algumas características do personagem Xavier. O homem forte, que domina os recursos financeiros e é o responsável pelo lar. Suas mulheres são para ele instrumentos sexuais e domésticas. Para Koss (2004, p. 178);

Na nossa sociedade, o grau de masculinidade de um homem é definido pela soma de características como sucesso material, força física, capacidade de convencer por meio de argumentação, liderança, invulnerabilidade, destemor, controle das emoções, independência, poder, ambição, agressividade sexual e física, a capacidade de obter o que quer e quando quer. Espera-se deles que iniciem e controlem as relações sexuais.

Xavier faz tudo o que quer e mesmo sendo bígamo em uma sociedade monogâmica este fato não o faz menos homem, pelo contrário é visto pelos outros homens como um insaciável, um machão. As únicas pessoas incomodadas com esta situação são as mulheres. Segundo Foucault (1984, p. 77) “no uso desses prazeres de macho é necessário ser viril consigo como se é masculino no papel social”. Ou seja, Xavier enquanto homem desempenhava seu papel, assim como suas mulheres: os instrumentos do prazer masculino. Para Koss (2004, p. 93):

Na cultura ocidental, do mesmo modo que se afirmava que a mulher contribuía apenas com o corpo físico, a matéria passiva que precisa se formada pelo espírito masculino, a natureza orgânica é vista e tratada como “a matéria prima da cultura, e para que se tornasse disponível para os objetivos culturais patriarcais, era necessário apropriar-se dela.

Neste mundo machista a sociedade e religião contribuem para fundamentar estes preceitos e ordenar o mundo em papéis femininos e masculinos. Como foi dito “a cultura ocidental está baseada nas concepções religiosas e morais contidas na Bíblia, por outro ela se fundamenta na filosofia e ciência desenvolvida na Grécia do período clássico” (KOSS, 2004, p. 158).

A bigamia de Xavier é relativa ao seu sentimento de domínio e poder sobre as mulheres. Sobre a questão do domínio Foucault (1984, p. 77) comenta que:

O domínio em si é uma maneira de ser homem em relação a si próprio, isto é, comandar o que deve ser comandado, obrigar à obediência o que não é capaz de se dirigir por si só, impor os princípios da razão ao que desses princípios é desprovido; em suma, é

uma maneira de ser ativo em relação ao que por natureza, é passivo e que deve permanecê-lo. Nesse moral de homem feita por para homens, a elaboração de si como sujeito moral consiste em instaurar de si para consigo uma estrutura de virilidade: é sendo homem em relação a si que se poderá controlar e dominar a atividade de homem que exerce face aos outros na prática sexual.

Ou seja, como homem Xavier mostra seu poder e virilidade dominando e utilizando as mulheres como objetos sexuais. Seu interesse pelo sexo oposto é puramente sexual. Podemos completar e concluir este ensaio afirmando que já as mulheres (Carmem e Beatriz) ao longo da narrativa não se contentam mais aos papéis estabelecidos por Xavier e assim transgridem a ordem estabelecida pelo universo masculino. Seu corpo e sua erotização não estão prezas as normas sociais e ou religiosas. Elas estão libertas para agirem conforme seus impulsos eróticos.

## **REFERÊNCIAS**

BRANCO, Lucia Castello. Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. A Fala Feminina. Revista Continente Multicultural, Recife, ano 3, n. 37, p23-24, jan. 2004.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 2: O uso dos prazeres. São Paulo: Graal, 1984.

KOSS, Monika Von. Feminino + Masculino: Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escritura editora, 2004.

LEJARRAGA, Ana Lilá. Paixão e Ternura: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

LISPECTOR, Clarice. A Via Crucis do Corpo. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, Benedito. O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

REGUERA, Nilze Maria de Azeredo. Clarice Lispector e a encenação da escritura: em a Via Crucis do Corpo. São Paulo: UNESP, 2006.

ROSENBAUM, Yudith. Clarice Lispector. São Paulo: Publifolha, 2002.

ROSENFELD, Anatol. Texto/Contexto. São Paulo: Perspectiva, 1985.

ROUSSEAU, René-Lucien. A linguagem das cores: energia, simbolismo, vibrações e ciclo das estruturas coloridas. São Paulo: Pensamento, 1980.

WILLIAMS, Raymond. Tragédia Moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.